INSTITUTO CUBANO DE ANTROPOLOGÍA
MEMORIAS
CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

AS SEQUÊNCIAS DE OCUPAÇÃO DOS ABRIGOS PINTADOS DA SERRA DE S. MAMEDE
PORTUGAL

Jorge de Oliveira
Clara Oliveira
(CHAIA – Universidade de Évora)

KEYWORDS: SCHEMATIC ROCKART, CHRONOLOGY, ALENTEJO, PORTUGAL

ABSTRACT

In this communication we will present the sequences of occupation of the caves with schematic rock paintings in the S. Mamede mountain range, as well as the radiocarbon dates gathered during the excavation. The fact that these dates relate to such a distant past prove that these spaces were ocuppied for a long period of time. The newly discovered caves bearing paintings in this mountain range will also be presented in this Simposium. Taking the available radiocarbon dates into consideration it seems clear that at least since the Upper Paleolithic period the deeper caves were used as a space of habitat, where Man fashioned flint and quartz into tools and lit fires. This type of occupation, in at least two caves, lasted until the Middle Ages. The paintings seem to correspond to an occupation dated between the end of the Neolithic period and the Middle Chalcolithic.

PALAVRAS-CHAVE: ARTE RUPESTRE ESQUEMÁTICA, CRONOLOGIAS, ALENTEJO, PORTUGAL

RESUMO

Nesta comunicação apresentar-se-ão as sequências de ocupação dos abrigos com pinturas rupestres esquemáticas da Serra de S. Mamede e serão, igualmente, divulgadas as datas de radiocarbono obtidas em escavação, que pela sua grande antiguidade evidenciam uma longa ocupação destes espaços. Os novos abrigos com pinturas da Serra de S. Mamede serão também noticiados neste Simpósio. Atendendo às datas de radiocarbono disponíveis parece ficar claro que desde, pelo menos, o Paleolítico

Superior, que os abrigos mais profundos foram espaço de habitat. Aqui o homem talhou sílex e quartzos e acendeu fogueiras. Esta ocupação, pelo menos em duas grutas, prolongou-se até à Idade Média. As pinturas parecem corresponder à fase de ocupação balizável entre os finais do Neolítico e o Calcolítico pleno.

I O CONTEXTO

Depois de várias campanhas de escavação e prospecção desenvolvidas ao longo de quatro anos nas cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede, é hoje possível, já com alguma clareza, entender que, genericamente, parece existir pelo menos um modelo que nos permite caracterizar a localização de abrigos com pinturas rupestres esquemáticas. Embora existam abrigos, eventualmente com sinais de ocupação humana em todas as encostas da Serra de S. Mamede, apenas as lapas e grutas com amplo horizonte visual e predominantemente abertos entre o Este e Oeste apresentam pinturas. Os abrigos, mesmo os de maior dimensão e amplo horizonte visual quando exposto ao quadrante norte até agora nenhum apresentava sinais de pintura e raros com ocupação pré-histórica, embora se encontrem vestígios de ocupação em épocas posteriores. A clara rejeição pelos abrigos expostos ao quadrante norte por parte das comunidades pré-históricas parece justificar-se, numa primeira leitura, unicamente com aspectos relacionados com o conforto e condições de salubridade. Contudo, verificamos que a maioria dos locais com presença de pinturas apresenta pouca capacidade para acolher uma vivência continuada de seres humanos. A reduzida e por vezes minúscula dimensão da área abrigada, a difícil acessibilidade e a distância a fontes de água poderá indicar que alguns dos locais onde durante a pré-história o homem pintou a rocha poderão não ter servido de espaço de habitação no sentido normal da palavra mas, tão só, para abrigo temporário ou, se assumirmos que apenas os locais expostos a este e sul apresentam pinturas, como locais para ritualização de mitos onde o Sol / luz teriam uma importância acrescida. Na crista quartzítica da Serra de S. Mamede, zona objecto desta investigação, conhecemos abrigos com ampla capacidade de acolhimento, de acessibilidade não muito difícil, ainda que de grande altitude,

mas nos quais não encontrámos, até agora, sinais de pinturas, ou mesmo testemunhos materiais da presença pré-histórica. Inclui-se neste caso a denominada Cova da Moura, em frente a Portalegre, ou várias diáclases na serra de Castelo de Vide. Estas lapas ou grutas abertas nos quartzitos e expostas ao quadrante norte foram claramente rejeitadas pelas primeiras comunidades humanas que por esta zona deambularam. Ao contrário, em cotas mais baixas, portanto mais abrigadas, raros são os abrigos naturais originados pela posição caprichosa dos batólitos graníticos, quando não muito distantes de cursos de água, que não apresentam testemunhos pré-históricos. Infelizmente, nestes abrigos graníticos, nunca encontramos qualquer sinal de arte pintada e as poucas referências gráficas que se conhecem reduzem-se às enigmáticas covinhas. Referimo-nos, por exemplo, entre outras, às rochas graníticas decoradas existentes em Vidais, concelho de Marvão, ou um pouco mais distante, mas na área envolvente da Serra de S. Mamede, como sejam os afloramentos gravados da Coudelaria de Alter, os da Herdade do Torrão, no concelho de Elvas, ou os conhecidos na margem direita do Rio Sever, em território espanhol. Destes excluímos o grande painel gravado numa laje de xisto situada a pouca distância de Herrera de Alcântara, por nós identificado na década de 90 e ainda não publicado, porque nos parece que deve inscrever-se no grupo da arte gravada do Tejo e não no da Serra de S. Mamede. Parece assim depreender-se que os abrigos de altitude teriam, pelo menos durante a fase a que corresponde à arte esquemática, isto é, período de tempo, teoricamente compreendido entre meados do Neolítico e inícios da Idade do Bronze, uma função mais simbólica do que de habitat. Contudo, como em qualquer regra, as excepções estão presentes, ou então estaremos perante a necessidade de rever as balizas cronológicas até agora definidas para a arte esquemática nesta região. Como veremos mais adiante, alguns dos locais por nós sondados com presença de arte rupestre pintada apresentam testemunhos de ocupação humana muito anteriores e também bastante posteriores ao período até agora definido como contemporâneo da pintura esquemática. São as sequências de

ocupação identificadas nos principais locais por nós sondados, situados na Serra de S. Mamede que aqui gostaríamos de analisar.

II IGREJA DOS MOUROS – Arronches

Este abrigo, situa-se na base da crista quartzítica da Serra de S. Mamede, na freguesia de Esperança, concelho de Arronches e foi divulgado pela primeira vez em 1960, por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio de Veiga Ferreira, que no seu interior identificaram arte esquemática pintada. O Abrigo da Igreja dos Mouros apresenta a entrada virada a Sudeste (135º) e em frente da porta desenvolve-se um longo e ancestral socalque, provavelmente estruturado. Na formação quartzítica abre-se este abrigo que possui uma profundidade de 6 metros e uma largura máxima de 2,5 metros. A altura máxima ronda os 3 metros. Alguns metros mais acima desta gruta, encontra-se o Abrigo 1 dos Louções e no topo da linha de cumeada o povoado pré e proto-histórico com o mesmo nome. Foi nosso objectivo proceder à abertura de duas pequenas sondagens no interior do abrigo e outra na plataforma em frente, na tentativa de obter elementos que nos ajudassem a compreender a sequência ocupacional do espaço e eventualmente a relacionar a arte pintada e esculpida com os contextos de ocupação preservados no solo. No interior do abrigo abrimos duas pequenas sondagens, ambas sob painéis pintados, uma na zona mais profunda e outra junto à entrada. Estas sondagens foram determinadas, quer pela previsível potência e compactação do solo, quer pela proximidade aos painéis pintados existentes nas paredes do abrigo. A sondagem do exterior do abrigo foi definida pela presença de alguns blocos de pedra que levemente emergiam da terra e que pareciam ter alguma organização. A sondagem no fundo abrigo, que denominámos por Quadrado E3 evidenciou uma potência de solo que chegou aos 35cm na zona mais profunda. Foi possível reconhecer três níveis em sobreposição. O primeiro, com cerca de 15cm, apresentava uma terra mais solta, de cor castanho claro, onde ocorreram filtros de cigarros, um fragmento de vidro de garrafa recente e matéria vegetal não decomposta. Sob esta camada de terra

entrou-se noutra mais compacta de cor mais clara onde apenas ocorreram dois fragmentos de quartzito sem vestígios de trabalho humano. Ultrapassado este segundo nível de potência muito irregular, que atingiu junto à parede da gruta cerca de 15cms, entrou-se numa última unidade, ainda mais compacta, de terra avermelhada, onde se identificaram pequenas porções de carvão, que foram recolhidas e submetidas a datação e pequenas concentrações de pasta de cor laranja, idêntica às das pinturas parietais e também de cor branca, provavelmente da mesma matéria que serviu para a pintura a branco que se situa na parede mais recôndita do abrigo, sobre a popularmente denominada mesa de altar. À entrada do abrigo abriu-se outra sondagem que estrategicamente procurou compreender a face interior duma estrutura de pedra seca que se registava logo à superfície e que parecia estrangular a entrada da gruta, gerando maior protecção a quem nela se resguardasse. A potência estratigráfica desta sondagem reduzia-se drasticamente para norte devido à presença da rocha de base. Para o lado oposto, junto à parede da gruta onde se identificam os principais painéis pintados a potência estratigráfica ultrapassa os 60cms. Junto à parede da gruta, logo à entrada, reconhece-se a presença duma lareira estruturada, com claros sinais de contínua utilização e que, tudo indica, ainda muito recentemente terá aquecido algum pastor, ou caçador. Os sinais dos fogos que aí terão sido acesos estão bem presentes no negro de fumo existente na parede do abrigo e nos termoclastos ainda *in situ*. Nesta sondagem, para além do nível de lareira superficial, anteriormente descrito, identificámos ao seu redor uma camada de terra solta, de cor castanho claro, com presença de alguma manta morta e fragmentes de quartzito de pequena dimensão. Este nível não ultrapassa, ainda que de forma irregular, os 12cms. Sob esta unidade entra-se uma camada compacta de terra castanha ainda mais clara, com presença de alguns de blocos quartzito de maior dimensão, aparentemente resultantes de vários derrubes do muro que secciona a entrada da gruta. Nesta camada, a cerca de 16cms da superfície, na face interior do muro, identificou-se um elemento de mó (movente) em granito e por entre as raízes do zambujo duas pontas de seta em xisto de base côncava. Nesta unidade, à mesma cota das

pontas de seta, registaram-se dois fragmentos de prato de bordo espessado e alguns fragmentos de recipientes cerâmicos de forma esférica. Este nível manteve-se até atingir uma profundidade máxima de 35cms, entrando-se, então, noutra camada de terra muito compacta de cor alaranjada que de uma forma irregular revestia a rocha, atingindo uma espessura máxima entre os 10 e os 15cms. Nesta última unidade não se registou qualquer artefacto. Na plataforma exterior do abrigo abriu-se outra curta sondagem que configura o quadrado D9. Aí percebia-se pelo aflorar de alguns blocos de quartzito que uma qualquer estrutura estaria aí aterrada. Face ao reduzido orçamento disponível optámos por abrir apenas um quadrado de 1x1 metros que poderia coincidir com a face interior desse provável muro. Logo que se iniciou a decapagem apercebemo-nos que, de facto, aí existia uma estrutura de pedra seca que parecia definir um arco de círculo, fechando para o lado do abrigo. Nesta sondagem foi possível reconhecer três unidades estratigráficas. A camada superficial de terras claras é abundante em matéria orgânica resultante da manta morta aí existente. Sob esta camada, na face interna do muro, que corresponde à unidade 2, reconheceu-se um nível compacto de terra castanha onde eram visíveis várias pedras resultantes de derrubes do muro e sob os quais se recolheram alguns carvões que foram submetidos a datação. À cota de 98,53m identificou-se um " estilete" de xisto polido, na face interior do muro. Esta pequena peça, apresenta sinais de fractura numa das extremidades e na outra, sinais de uso por fricção. No decurso dos trabalhos desenvolvidos neste abrigo foi possível recolher várias amostras de carvões das quais duas foram submetidas a datação. Carvões recolhidos no quadrado E3, situado junto à "pedra de altar" e sob um dos painéis pintados, associados a pequenas concentrações de pasta de cor alaranjada e também branca, semelhantes às cores utilizadas nas pinturas parietais forneceram a seguinte idade: Beta – 336388: 4320 +/- 30BP, que calibrada a 2 sigmas resulta na data: Cal BC 3080 a 3060. Esta data parece estar em linha, quer com os materiais atribuídos aos inícios do calcolítico identificados nos quadrados E5, E6 e D6, quer com as cronologias normalmente consideradas nesta região para a arte esquemática. A outra amostra de carvões submetidos a datação foi recolhida na

sondagem aberta em frente do abrigo (D9), no interior do que parece ser uma estrutura em arco de círculo. Esta amostra forneceu a seguinte idade: Beta – 336387: 920 +/- 30 BP, que calibrada a 2 sigmas resulta numa data no intervalo de: Cal AD 1020 a 1160. A arte presente neste abrigo, sintomaticamente denominado por Igreja dos Mouros, apenas está presente na parede sul e no extremo mais profundo da gruta. Provavelmente por ser a mais vertical e com superfícies mais regulares a parede sul do abrigo foi a eleita para conter a quase totalidade das expressões gráficas. Aqui ocorrem as pinturas esquemáticas de cor laranja e a única escultura até hoje reconhecida nesta região. Para além da arte expressa nesta parede, identificámos a única pintura a branco conhecida no extremo sul da Serra de S. Mamede plasmada numa estreita mas simbolicamente posicionada superfície que se sobrepõe à denominada pedra de altar na zona mais reservada do abrigo. Esta interessante pintura resulta duma técnica muita rara, em que o "artista" aplica, inicialmente uma irregular mancha de cor branca e, algum tempo depois, já em fase de secagem, provavelmente com a unha, retira a tinta deixando em negativo nove riscos paralelos. Imediatamente abaixo desta pintura notam-se manchas brancas mais diluídas que parece terem resultado da limpeza do dedo de quem aqui pintou esta interessante e enigmática mensagem. Na parede sul são visíveis, pelo menos, três painéis com motivos antropomórficos e ramiformes, comuns tanto em cor como em estilo à gramática figurativa da arte esquemática desta região. Mas é entre estes painéis, que a partir duma fractura natural da rocha foi esculpida uma figura que, pelas dimensões e posicionamento, parece representar uma cabeça e ombros humanos. Esta figura antromórfica ao enquadrar-se nos painéis pintados parece ser contemporânea da restante arte conhecida no interior deste espaço. A enigmática pintura a branco sobrepõe-se a um bloco de quartzito que aparentemente se desprendeu, naturalmente, da inclinada parede poente. A sua forma tendencialmente paralelepipédica e a posição estratégica em que se posicionou deu-lhe um destaque especial que lhe mereceu popularmente o nome de pedra de altar. A pintura a branco, anteriormente descrita, desenha-se na superfície donde se destacou a denominada "pedra de altar". É pois,

assim, o posicionamento da pedra de altar anterior à pintura e a sua posição estratégica não deverá ter passado despercebida aos que na pré-história recente pintaram nesta gruta e sobretudo utilizaram a cor branca para registar uma mensagem num espaço aparentemente de maior valor simbólico, o fundo da gruta sobre a regular laje do altar.

III ABRIGO PINHO MONTEIRO – Arronches

Este abrigo foi identificado nos inícios dos anos oitenta pelo arqueólogo de quem recebeu o nome, Jorge Pinho Monteiro. Situa-se no extremo sul da Serra de S. Mamede, na crista quartzítica e foi sondado pela primeira vez por Mário Varela Gomes em 1982. Nessa sondagem foi identificado um grosso muro à entrada do abrigo e recolhidos materiais que este investigador atribuiu às primeiras comunidades com metalurgia. Durante os trabalhos de 1982, Mário Varela Gomes procedeu ao levantamento sumário da arte rupestre esquemática existente no abrigo e elaborou a planta geral do monumento. Decorridos trinta anos sobre a primeira intervenção e com novas tecnologias solicitámos autorização para procedermos a outra pequena sondagem de 1,5 x 1 metro na área deixada como testemunho por M.V.G. Paralelamente, procedemos ao levantamento integral de todos os painéis e à sua localização em planta. Do decalque directo e levantamento fotográfico das pinturas resultou a identificação de inúmeras e muito diversificadas formas antropomórficas, a presença também de pontos, linhas e barras digitadas, sendo, contudo, significativa a presença central, num dos painéis do tecto, de um pequeno soliforme. Da sondagem, resultou a identificação de um conjunto de artefactos líticos lascados, sobre sílex e quartzo hialino, que se inscrevem no contexto das indústrias microlíticas, enquadráveis em ambientes do Paleolítico final / Mesolítico podendo, ainda que dificilmente, relacionar-se com o Neolítico mais antigo. A ausência de cerâmicas e as datas de radiocarbono obtidas para carvões em contexto confirmam o posicionamento cultural dos materiais, sobretudo, para os períodos mais antigos como é bem perceptível pelas seguintes datas: Beta – 296433 - Cal BC 9250 a 9100 e Beta – 296434 - Cal BC 7570 a 7460 (ambas a 2

sigmas). A amostra APM2, obtida numa mancha de carvões e cinzas a cerca 40 cm da superfície, forneceu a data histórica de 960 +/- 40 BP. Apresenta-se assim, este abrigo com, pelo menos, 5 fases de ocupação. Nos finais da última glaciação, o homem utilizou o abrigo como espaço de habitat e aqui talhou sílex e quartzos. Algum tempo depois, durante o Mesolítico, voltou a ter ocupação, e novamente aqui foi talhado sílex. Pelos trabalhos de 1982 sabemos que comunidades dos inícios da metalurgia aqui estiveram e terão construído o muro que limita a entrada do abrigo e provavelmente a estes utilizadores do espaço devemos as principais pinturas que decoram o tecto da gruta. Muito mais tarde, durante o seculo XII da nossa era, a gruta volta a ter ocupação. Os novos ocupantes mantêm acesa uma fogueira por longo espaço de tempo no interior da gruta. Por testemunhos orais sabemos que na década de 30 do século XX, durante a Guerra Civil de Espanha, aqui se terá refugiado um grupo de republicanos perseguidos no país vizinho.

IV GRUTA DA SENHORA DA LAPA - Portalegre

Na mesma Serra de S. Mamede, e mais uma vez na crista quartzítica, no concelho de Portalegre, freguesia de Alegrete, ao visitarmos a interessante ermida de Nª. Srª. da Lapa, junto a Besteiros, fomos alertados para uma estreita e baixa passagem, considerada secreta, que se abre sob o altar desta ermida. O templo encontra-se incrustado numa formação quartzítica virada a Espanha. Depois de se ultrapassar um pequena galeria sob o altar deparamo-nos com uma gruta com cerca de 4 metros de comprimento e de 5 metros de largura, e uma altura máxima de três metros. No chão da gruta revelam-se dois níveis, um sensivelmente à mesma cota do piso do altar da igreja e outro, mais para o interior da gruta, sessenta centímetros mais baixo. Separam estes dois pisos um muro que corre transversalmente à gruta, paralelo ao altar da ermida. Neste muro denota-se um ressalto para o interior da gruta, parecendo corresponder esta saliência à memória de um outro altar mais antigo. No tecto o abrigo natural, ainda que parcial e

intencionalmente cobertas por cal são visíveis diversas pinturas onde se destacam digitados e alguns antropomorfos, muito esquemáticos. Embora sem grande diversidade de tipologias pictóricas, pois a maioria de representações observáveis são sequências de conjuntos de barras, é possível que sob a capa de cal branca tenham sido sonegadas figurações "menos católicas" que a edificação da antiga ermida da Senhora da Lapa tentasse "exorcizar", pela construção do altar-mor no lado Poente, exactamente encaixado no abrigo que se abre na crista quartzítica, onde se localizam as pinturas. Da sondagem realizada no interior deste abrigo apenas recuperámos fragmentos de estuque decorados com técnica de esgrafito, talvez pertencentes à anterior ermida, da qual ainda restam partes de um muro conservado no interior do abrigo. O início deste interessantíssimo complexo histórico e arqueológico e na ausência de registos arqueológicos no subsolo parece remontar à pré-história recente quando no tecto da gruta pintaram os motivos esquemáticos que ainda hoje se observam. Desconhecemos em que data a gruta pré-histórica foi cristianizada, mas pelos estuques esgrafitados encontrados durante a escavação a que aí procedemos, poderemos recuá-los aos finais no máximo aos finais do séc. XV. A remodelação da ermida, que originou a destruição do altar decorado com os esgrafitos deverá ter ocorrido na sequência das normas emanadas pelo Concílio de Trento que, de imediato, o Bispo de Portalegre, D. Frei Amador Arrais mandou aplicar na sua diocese. Ainda anterior a essa reforma devem datar as camadas de cal branca com que os católicos tentaram cobrir as mais significativas pinturas pré-históricas do teto da gruta, mas deixando sempre visível a escorrência natural que se assemelha a uma cara humana e que tem vindo a ser interpretada, popularmente, como a cara do cavaleiro que milagrosamente foi salvo pela Virgem Maria aquando da queda no precipício junto à gruta e que terá originado a lenda da construção da ermida. Pelos finais do século XVIII a ermida terá sido restaurada o mesmo acontecendo em meados do século XX. A imagem da Virgem, em barro de Portalegre, parece ser obra dos finais do séc. XVI, ou inícios do séc. XVII, contemporânea da remodelação geral da ermida. Local de culto muito enraizado na região, a sua propriedade, por se situar sobre a linha

de fronteira, foi disputado pelas gentes das duas aldeias vizinhas de Espanha e Portugal. Só nos inícios do séc. XX, com a redefinição da fronteira, ficou assumidamente em território português, continuando, contudo, as gentes da aldeia do Bacoco, em território espanhol, situada a escassas centenas de metros de distância a visitarem continuamente o local e a participar nas romaria que aí, anualmente, se celebra em Setembro.

V EM SINTESE

Decorrente dos trabalhos de escavação até agora realizados em abrigos com arte rupestre da Serra de S. Mamede, Abrigo Pinho Monteiro, Abrigo da Igreja dos Mouros e Gruta de Nossa Senhora da Lapa foi possível reconhecer uma longa e, em pelo menos um caso, uma muito extensa história de vivência no interior destes abrigos. Mais interessante ainda são as suas diferentes funcionalidades ao longo da história. Muitos mais abrigos pintados, com maior ou menor capacidade de protecção se conhecem na Serra de S. Mamede, contudo, estes três são dos poucos que apresentam potência estratigráfica e passíveis de serem escavados e por isso foram os eleitos no âmbito do projecto que coordenamos sendo, assim, dos poucos que melhor nos podem elucidar quanto à sua história. A sua maior profundidade e capacidade de protecção, muito diferente dos outros com pinturas, que maioritariamente são estreitas lapas e sem potência de terra, justificaram que, ao longo da história da humanidade tivessem servido, ainda que por períodos aparentemente não muito longos e descontinuadamente, de espaço de vivência. Os testemunhos materiais identificados na base da sondagem aberta no Abrigo Pinho Monteiro recuam, documentalmente, a sua mais antiga utilização aos finais do Paleolítico. A data de 9640 +/-50BP, que calibrada a 2 sigmas resulta em: Cal BC 9250 a 9100 obtida a partir de carvões, junto à entrada do abrigo, associados a indústria lítica e restos de talhe mostram-nos que nos finais doa última glaciação neste espaço foi acesa uma fogueira e aqui foram talhados instrumentos de sílex e quartzo. Passados mais de 1500 anos (Cal BC 7570 a 7460 a

partir de carvões), durante o Mesolítico, temos testemunhos materiais que nos mostram que os gestos se repetiram. Indústrias líticas mais evoluídas, novamente associadas a restos de talhe, junto a carvões dizem-nos que o homem se sentou junto à entrada do abrigo, acendeu uma fogueira e aí, a partir de núcleos de sílex e quartzo, fabricou artefactos, alguns dos quais aí permaneceram. Tem-se pensado que os temas, estilos e técnicas das pinturas existentes no tecto do abrigo Pinho Monteiro, de acordo com todos os autores que antes de nós se debruçaram sobre este assunto, são atribuíveis ao período que medeia entre o Neolítico e a Idade do Bronze. Se assim foi, então estes primeiros utilizadores do espaço não se sentiram compelidos a decorar as paredes da gruta. Embora durante as nossas duas campanhas de escavação nunca tivéssemos encontrado qualquer artefacto atribuível a outros períodos pré-históricos como aconteceu, trinta nos antes, com Mário Varela Gomes que à entrada da gruta recolhe materiais atribuíveis aos finais do Neolítico e ao Calcolítico, haverá que questionar se terá sido durante essa fase de ocupação que os seus utilizadores sentiram necessidade de pintar o tecto do abrigo. Remontará também a essa fase de ocupação a construção da grossa parede de pedra que limita toda a entrada da gruta. Após a ocupação do abrigo, durante a pré-história recente, só voltamos a ter testemunhos materiais da presença humana neste espaço durante a Idade Média. No seu interior, até agora, ainda não foi identificado qualquer testemunho da Idade do Ferro ou romano, embora nas suas imediações encontremos abundantes registos. A algumas centenas de metros para nascente desta gruta, localiza-se o Povoado da Idade do Ferro dos Louções e a necrópole romana de Vale de Junco, hoje quase totalmente destruída. A capacidade de abrigo e localização desta gruta seguramente que não passou despercebida às gentes que habitaram Vale de Junco, ou Louções, contudo, nenhum testemunho material aí se preservou desses períodos. A outra data obtida a partir de carvões recolhidos em cota superior, mas bem preservada, diz-nos que a gruta volta ter ocupação humana durante uma fase conturbada da Idade Média. A data de Cal AD 1010 a 1170 posiciona-nos mesmo no centro do período da denominada Reconquista Cristã desta região. As gentes de armas de Afonso

Henriques, primeiro rei de Portugal, expulsam ou chacinam os seguidores de Alá que por aqui se encontravam. Provavelmente, alguns fogem dos espaços urbanos, eventualmente de Arronches ou Codoceira e terão procurado abrigo nesta gruta. Neste abrigo sabemos que, pelo menos, acenderam uma lareira e que esta, durante algum tempo, terá permanecido acesa, atendendo ao volume de cinzas aí identificadas. Após esta ocupação apenas sabemos, por fonte oral, que durante a Guerra Civil de Espanha (1930 – 1936) aqui se terão acolhido alguns perseguidos provenientes do outro lado da fronteira. De particular interesse para a história local é a data medieval (Cal AD 1010 a 1170) do interior do Abrigo Pinho Monteiro por encontrar paralelo noutra data obtida a escassa centenas de metros de distância, junto à entrada do Abrigo da Igreja dos Mouros. Neste local, na face interior duma provável estrutura em arco de círculo, recolheram-se carvões que resultaram na data Cal AD 1020 a 1160. Também esta data abarca, novamente, o período da Reconquista Cristã e parece reforçar a interpretação anteriormente formulada. Se no Abrigo Pinho Monteiro não identificámos qualquer testemunho relacionado com a Pré-história recente, no da Igreja dos Mouros o principal lote de materiais aí recolhidos apontam claramente para uma ocupação vivencial durante o Calcolítico. As cerâmicas e as pontas de seta aí identificadas têm a sua cronologia confirmada pela data de radiocarbono obtida a partir de carvões recolhidos numa sondagem na zona mais recuada do abrigo. Estes carvões associados a pequenas porções de pasta de ocre de coloração semelhante às das pinturas que se localizam nas paredes do abrigo resultaram na data de Cal BC 3080 a 3060. Parece assim, ainda que sem uma datação directa das pinturas que, pelo menos, algumas delas poderão ser atribuídas ao período Calcolítico. Torna-se interessante verificar que a gramática específica da arte conservada nas paredes do Abrigo da Igreja dos Mouros não tem replicação directa na arte que se observa no Abrigo Pinho Monteiro, onde também não obtivemos qualquer data semelhante, nem durante as nossas escavações recolhemos materiais atribuíveis a este período. Face a estas observações é lícito questionarmo-nos se não deveremos recuar o posicionamento cronológico da arte, singularmente menos esquemática, identificada no abrigo

Pinho Monteiro, para períodos próximos de alguma das datas aí obtidas, eventualmente, para a ocupação que resultou em anos calendário Cal BC 7570 a 7460. Embora possa parecer arrevesada esta possibilidade poderemos sempre questionar o porquê da ausência de arte parietal entre o paleolítico superior e a emergência da arte esquemática, desde sempre atribuída a fases pós neolítico médio. Será razoável aceitar que entre um momento e o outro o homem simplesmente tenha perdido a capacidade de pintar? Não queremos, neste breve texto, aprofundar esta discussão porque a informação é ainda muito reduzida, contudo, não podemos deixar de registar esta nossa apreensão. Considerando que mais de 80% dos abrigos com pinturas da Serra de S. Mamede não possuem capacidade para acolher, em permanência, um habitat humano leva-nos a considerar que, na sua grande maioria, a presença de pinturas poderá conferir-lhes uma funcionalidade ritual. Se de santuários estamos a tratar então torna-se particularmente interessante verificar como a sua carga simbólica se manteve enraizada tantos milhares de anos depois. Essa sacralização reconhece-se quer a nível da toponímia, como a Gruta do Pego do Inferno, ou Abrigo da Igreja dos Mouros, entre outros, ou na permanência da sua carga funcional, como é o caso da Gruta da Ermida de Nª. Srª. da Lapa, ou do pequeno abrigo com pinturas junto às ermidas da Srª. da Penha e S. Paulo, em frente a Portalegre e que, igualmente, se situa a escassos metros dum santuário de altura atribuído à Idade do Ferro. Esta continua carga simbólica dos espaços em que a presença de pinturas pré-históricas apenas é mais um momento da sua longa história, parece também replicar-se nos pequenos abrigos com pinturas recentemente descobertos na encosta sul do castelo de Marvão, no castelo de Mayorga, nas Penhas do Porto Roque, ou nas Peñas de S. Brás, para só nos cingirmos à Serra de S. Mamede, tema desta comunicação. Pelo acima apresentado parece claro que todos estes locais da Serra de S. Mamede onde o homem pré-histórico deixou marcas de pintura, foram escolhidos tendo como referência a exposição solar, o domínio visual sobre zonas de passagem e, na sua maioria, uma longa história de funcionalidade ritual que nalguns casos chegou aos nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

BREUIL, Henri (1917), La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, prés de Arronches (Portalegre), *Terra Portuguesa*, Lisboa, 13-14, Fev.-Março , pp 17-26.

BREUIL, Henri (1933), *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, II Bassin du Guadian, Imprimerie de Lagny, Lagny sur Marne.

CASTRO, Luís de Albuquerque e; FERREIRA, Octávio da Veiga (1960-61), As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções, *Conímbriga,* vol.II-III, 1960-61, pp. 203-229.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCIA ARRANZ, José Júlio (2006), *El Risco de San Blas, Alburquerque, Guías Arqueológicas de Extremadura*, nº 6, Badajoz, Consejería de Cultura, 21p.

CORREIA, Virgílio (1916), Pinturas Rupestres da Sra da Esperança (Arronches), *Terra Portuguesa*, nº5, ano I, Lisboa, Junho 1916, pp.158.

CORREIA, Virgílio (1917), Arte pré-histórica, *Terra Portuguesa*, Lisboa, Tip. do Anuário Comercial, nº 12, 13 e 14 / Janeiro a Março de 1917.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1962), Pinturas Rupestres em Portugal, *Revista Engenho*, nº17/1-4, Janeiro-Março, Lisboa, 1962, pp. 1-14.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1965), Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança), *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, série III, nº 9, Lisboa, p.275-277.

GOMES, Mário Varela (1985), Abrigo de Pinho Monteiro – 1982, *Informação Arqueológica,* nº 5, IPPC – Departamento de Arqueologia.

GOMES, Mário Varela (1989), Arte Rupestre e contexto Arqueológico, *Almansor Revista de Cultura,* nº 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp.225-247.

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1916), Pinturas Prehistoricas y dólmenes de la Région de Albuquerque según Datos y Dibujos de Aurélio Cabrera, *Boletin de la Real Sociedad Española de História Natural*, vol.XVI

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1918), Estudios de arte prehistórico, *Notas da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Madrid.

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1918), Estudios de arte prehistórico, *Notas da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Nota nº 16, Comisión de Investigaciones Paleontológicas Y Prehistóricas, Madri, 29p.

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo; CABRERA, Aurélio (1916), Pinturas Prehistoricas y dólmenes de la Région de Albuquerque (Extremadura), *Boletin de la Real Sociedad Española de História Natura*l, Tomo XVI, Nota nº8, Comisión de Investigaciones Paleontológicas Y Prehistóricas, Madrid, 13p.

NUEVO, M.J.; MARTIN Sanchez; OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge (2010), In situ energy dispersive X-ray fluorescence analysis of rock art pigments from the 'Abrigo dos Gaivões' and 'Igreja dos Mouros' caves (Portugal), *X-Ray Spectometry*, Wiley Online Library.

OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge de (2008), Percurso Historiográfico do Complexo de Arte de Arronches, *Actas do III Taller Internacional de Arte Rupestre*, Havana, Fundación António Núnez Jiménez de la Naturaleza y el Hombre, *on-line.*

OLIVEIRA, Jorge de (2003), A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano, *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, Ed. Electrónica.

OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Cármen (1996), Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S.Mamede, *Ibn Maruán*, nº6, C.M.Marvão, pp.43-61.

OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998), Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S.Mamede*, Ibn Maruán*, nº8, C.M.Marvão, pp.193-202.

OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (2000), Continuidade e Descontinuidade do Megalitismo no Distrito de Portalegre, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. III, Porto, ADECAP, pp. 459-471

PEIXOTO, Ana (1997), A Lapa dos Gaivões – Arronches, *Ibn Maruán*, nº7, C.M.Marvão, pp.265-291.

PESTANA, Manuel Inácio (1984), Arte Rupestre, do conjunto pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro, agora descoberto, *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº3, Março.

PESTANA, Manuel Inácio (1987), Arte rupestre da freguesia da Esperança (concelho de Arronches), *Actas das 1ºs Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo de S.Mamede.

PINTO, Rui de Serpa (1932), O abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia,* nº5/3, Porto, pp.245-246.

RAPOSO, Luís (1993-1994), Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil e sua contribuição para a Pré-História portuguesa, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série IV, 11/12, 1993-1994, pp. 223-290

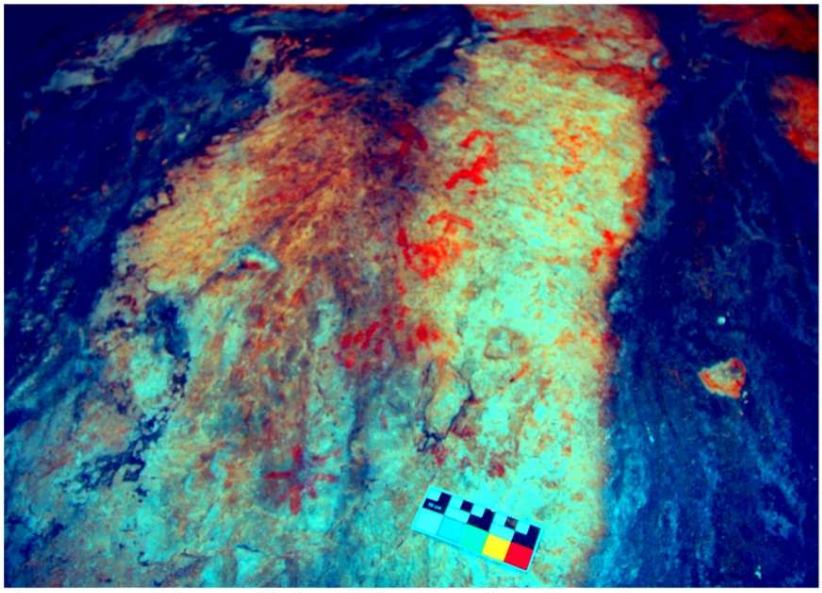
SANTOS JUNIOR, Joaquim (1940), Arte Rupestre, *Actas do I Congresso do Mundo Português / Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal*, vol.1, Lisboa, pp.327-376.

VASCONCELLOS, José Leite de (1920), Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Pe H.Breuil, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série 1, nº24, pp. 56-57.

Localização da Serra de S. Mamede na Península Ibérica

Entrada do Abrigo Pinho Monteiro - Arronches

Escavação do Abrigo Pinho Monteiro

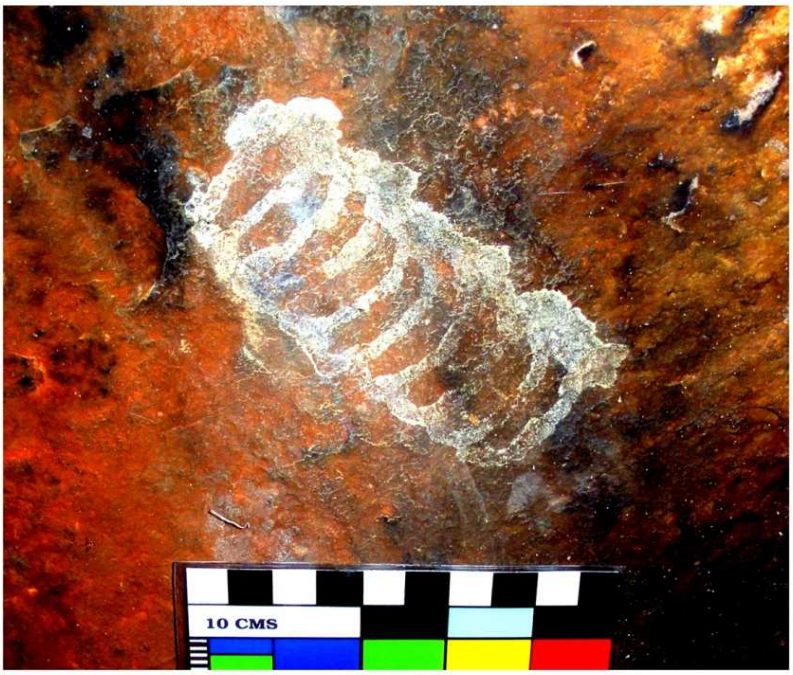


Arte esquemática no Abrigo Pinho Monteiro - Arronches

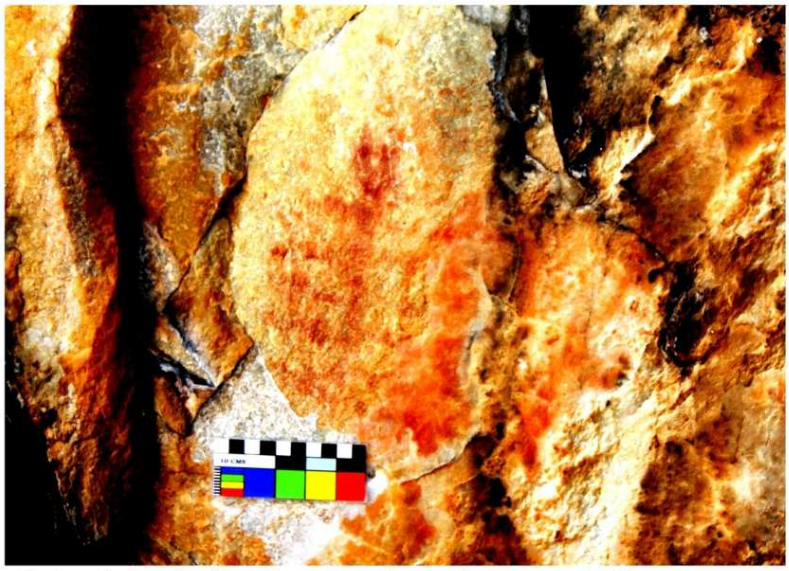
Indústria lítica do Abrigo Pinho Monteiro - Arronches

Abrigo da Igreja dos Mouros - Arronches

Escavação do Abrigo da Igreja dos Mouros - Arronches

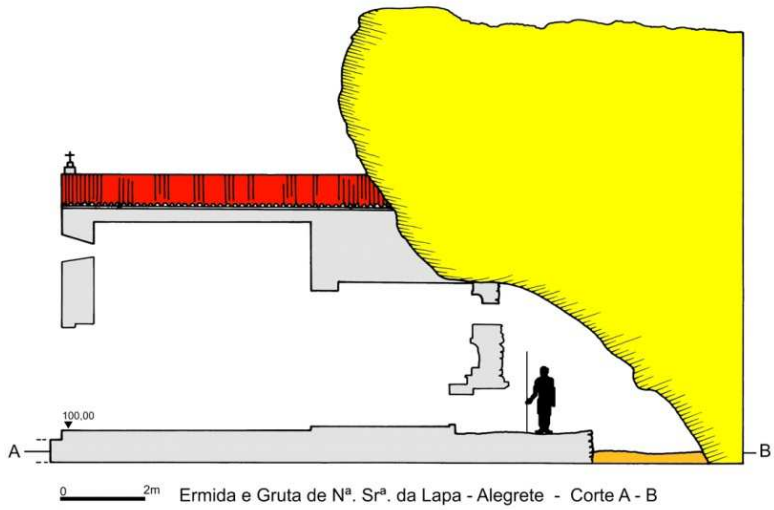


Abrigo da Igreja dos Mouros - pintura a branco



Abrigo da Igreja dos Mouros - pintura de zoomorfo (?)

Ermida de Nª. Srª. da Lapa - Alegrete - Portalegre



Corte da Ermida e Gruta de Nª. Srª. da Lapa

Escavação no interior da Gruta da Ermida de Nª. Srª. da Lapa

Gruta de Nª. Srª. da Lapa - arte esquemática sob camada de cal moderna